



A florística sagrada da Comunidade Ylê Axé de Yansã *The sacred floristic of Ylê Axé de Yansã Community*

Fernandes, Emmanuélly Maria de Souza¹; Christofolletti, Jéssica Helena²; Sais, Adriana Cavalieri³; Oliveira, Renata Evangelista⁴; Sebastiani, Renata⁵.

¹ UFSCar, emmanuelly.fernandes@gmail.com; ² UFSCar, jessicahelena@gmail.com; ³ UFSCar, acsais@ufscar.br; ⁴ UFSCar, reolivei@ufscar.br; ⁵ UFSCar, sebastiani@ufscar.br

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: Sendo o elo entre seres humanos e divindades, as plantas têm importante valor simbólico para as comunidades de matriz africana, sendo indispensáveis em seus ritos, bem como para sua saúde e alimentação. Neste sentido, este trabalho objetivou um levantamento de algumas das espécies nativas utilizadas pela comunidade Ylê Axé de Yansã. A diversidade das famílias botânicas demonstra que a incorporação da flora local contribuiu para a manutenção de seus ritos e tradições quando seus ancestrais foram trazidos forçosamente para o território brasileiro.

Palavras-chave: povos de terreiro; candomblé; saberes ancestrais; conservação da biodiversidade; estudo etnobotânico.

Introdução

O desenvolvimento dos seres humanos está intrinsecamente associado à relação ser humano-natureza para os povos e comunidades tradicionais de matriz africana a fonte desse conhecimento são sua ancestralidade, religião, tradições e costumes (KATHAMBI, 2020). Seus saberes sobre o mundo natural e sobrenatural são imprescindíveis como fonte na construção e preservação da identidade cultural brasileira (DIEGUES, 2000; SILVA; CARVALHO; JESUS, 2021).

No Candomblé a Natureza é a própria manifestação de seus ancestrais (FIGUEIREDO; MATTOS; FONSECA, 2017; BARBOZA et al., 2021). Ritualmente ligados à Natureza, as comunidades afro-brasileiras conservam o meio natural pois é dele que emerge o terreiro, espaço que irradia o sagrado e onde se realizam rituais e cerimônias. Trata-se de um local de acolhimento, bem como, da preservação da memória ancestral (CALVO, 2019; FERNANDES et al., 2020). Assim, as plantas têm valor inestimável, pois elas medeiam a conexão entre os planos terreno (*aiyé*) e divino (*órum*). A diversidade é uma das marcas dos sistemas geridos por comunidades tradicionais de matriz africana, que são sistemas ecológicos complexos e diversificados, resultado do vívido conhecimento tradicional, isto é, do saber-fazer ancestral transmitido oralmente, de geração em geração (DIEGUES, 2000; LIERE; JHA; PHILPOTT, 2017).

Na atualidade são fartos os exemplos negativos do desprendimento da figura do ser humano da Natureza. A partir do momento que somos sujeitos alheios à ela o



entendimento da necessidade do cuidado e preservação se dispersam, favorecendo o ideário da mercantilização do mundo natural. Portanto, mediante a evidente degradação do ambiente e as mudanças decorrentes desse processo, se faz mais que necessário resgatar o olhar onde a Mãe Terra é um ser vivo (TOLEDO, 2022).

Nesse contexto, o estudo etnobotânico surge como uma ferramenta interdisciplinar que para além da investigação botânica, busca compreender e interpretar a partir da cosmovisão de comunidade tradicional de matriz africana o valor cultural, do manejo e do uso tradicional dos elementos da flora (SILVA; CARVALHO; JESUS, 2021). Desse modo, o presente estudo, por meio de um levantamento etnobotânico, objetivou reconhecer as espécies nativas presentes no quintal de uma comunidade de matriz africana.

Metodologia

A comunidade Ylê Axé de Yansã, fundada em 1995, pertencente à nação Jeje-Nagô, reside no lote de reforma agrária denominado Sítio Quilombo Anastácia (SQA). O sítio está localizado no assentamento rural Araras III, no município de Araras, estado de São Paulo. Para o levantamento etnobotânico das espécies realizou-se entrevistas semiestruturadas, instrumento flexível quanto à coleta dos dados. Os entrevistados foram Iyalorixá Doné Oyassy e Babalorixá Tatá Kejessy, respectivamente mãe e pai de santo, líderes da comunidade, detentores de conhecimentos mais profundos sobre as plantas presentes no quintal da comunidade. A obtenção das coleções botânicas se deu por meio da metodologia turnê-guiada, onde durante uma caminhada com os entrevistados, foi feito registro fotográfico e em seguida, efetuou-se a coleta do material botânico (BERNARD, 1988). Os métodos de coleta e herborização de material botânico foram realizados de acordo com as recomendações de Fidalgo e Bononi (1989) e as coleções obtidas foram depositadas no herbário da Universidade Federal de São Carlos campus Araras (HARA).

Resultados e Discussão

Confrontados com as novas condições sociais e distantes da matriz florística africana, os cativos identificaram espécies nativas a fim de estabelecerem equivalências para substituir aquelas que não foram encontradas em solo brasileiro (BARROS, 2015). Sua utilização relacionada à prática do Candomblé, foi a base para manutenção dos cultos nos terreiros, preservação do conhecimento botânico local, bem como a sobrevivência de uma identidade como negros e africanos (PIRES, et al., 2009; BARROS, 2015). Sendo assim, a ampliação desse conhecimento sobre o mundo natural, a incorporação destas plantas, foi e continua sendo fundamental para garantir a permanência religiosa da comunidade tradicional de matriz africana. Nas proximidades da residência foram reconhecidas 24 espécies nativas (FLORA E FUNGA DO BRASIL, 2023).



Tabela 1 – Espécies nativas registradas durante a turnê-guiada no Sítio Quilombo Anastácia. Em que: Parte da planta utilizada: (Ca) caule, (Ci) cipó, (Cs) casca, (Fl) flores, (Fo) folha, (Fr) fruto, (Pi) planta inteira, (Sm) semente; Usos: (Cl) culinário, (Lt) litúrgico, (Me) medicinal, (Or) ornamental.

Família/Nome científico	Nome popular	PPU	Usos
Anacardiaceae			
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	Fo, Fr	Cl, Me
Arecaceae			
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	Pupunha	Fo, Ca	Cl, Lt
Asteraceae			
<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Vassourinha-relógio ou Alecrim-do-mato	Fo	Cl, Lt, Me
<i>Vernonanthura polyanthes</i> (Sprengel) Vega & Dematteis	Assa peixe	Fo	Lt, Me
Bignoniaceae			
<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S.Grose	Ipê	Fo, Fl, Cs	Lt, Or, Me
Bixaceae			
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Fo, Fr	Cl, Lt, Me
Caricaceae			
<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A.DC.	Jaracatiá	Fr	Lt, Me
Fabaceae			
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	Fo	Lt, Me
<i>Inga marginata</i> Willd.	Ingá	Fo, Fr, Ca	Lt, Me
<i>Machaerium villosum</i> Vogel	Jacarandá Paulista	Fo	Lt
<i>Myroxylon peruiferum</i> L.f.	Cabreúva	Cs	Me
		Fo	Lt
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Sucupira	Sm	Me
		Fo	Lt
Malpighiaceae			
<i>Banisteriopsis caapi</i> (Spruce ex Griseb.) Morton	Jagube	Fo	Lt, Me
Malvaceae			
<i>Luehea grandiflora</i> Mart.	Açoita-Cavalo	Fo	Lt, Me
<i>Pachira glabra</i> Pasq.	Castanha do Maranhão	Fo, Fr	Cl, Lt
<i>Sida planicaulis</i> Cav.	Guanxuma	Fo	Lt, Me
Myrtaceae			
<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitangueira	Fo, Fr	Cl, Lt
<i>Plinia peruviana</i> (Poir.) Govaerts	Jabuticaba	Fo, Fr	Me
Passifloraceae			
<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	Fo, Fr	Lt
Rubiaceae			
<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapeiro	Fo, Fr	Cl, Lt
Solanaceae			
<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba-brava	Fo, Fr	Cl , Lt
Urticaceae			
<i>Cecropia glaziovii</i> Snethl	Embaúba	Fo, Fr	Me
Verbenaceae			
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Gervão	Pi	Lt, Me
Vitaceae			
Fonte: As autoras			
<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis	Insulina Vegetal	Fo, Ci	Lt, Me



A família Fabaceae apresentou a maior riqueza florística com três espécies citadas para fins litúrgicos e medicinais *Copaifera langsdorffii* Desf., *Inga marginata* Willd., *Myroxylon peruiferum* L.f. e *Pterodon emarginatus* Vogel (Sucupira). As famílias Anacardiaceae, Arecaceae, Asteraceae, Bignoniaceae, Malvaceae, Myrtaceae, Passifloraceae, Solanaceae e Verbenaceae também estão representadas nos levantamentos, realizados em comunidades tradicionais de matriz africana, de Pires et al., (2009); Barros, (2015); Alves, Povh e Portuguese (2019), e uma espécie comum nos dois primeiros trabalhos é o *Passiflora edulis* Sims. (maracujá). Esta trepadeira é a principal fruta de *Gbèsèn* (conhecido como Oxumarê), *vodun* patrono da nação Jejê-Nagô: “O que coroa a nossa cabeça é o ramo de maracujá, então é uma planta extremamente sagrada que dialoga com a coroação do nosso *orí* para o Orixá”. (Kejessy). Por essa razão, não faz parte do consumo cotidiano.

De acordo com antigo provérbio africano, " *Kosi Ewé Kosi Orisà* - Sem folha, não tem Orixá", os Orixás são a Natureza, portanto ela é a própria manifestação do sagrado, onde absolutamente todas as plantas são importantes, independente do uso e do rito para os quais se destinam (ZANETTE; SEBASTIANI, 2020). Não há Candomblé sem as plantas, sem as folhas, porque não há vida sem a natureza, por isso é tida como religião da vida. As tradições espirituais tratam do relacionamento com o divino, aspecto inato e definidor do eu humano (TOLEDO 2022). Estudos demonstram que pessoas ativamente religiosas têm tendência a serem fisicamente mais saudáveis e apresentarem uma longevidade maior, sendo assim, além de serem essenciais à manutenção dos saberes ancestrais, as plantas também influenciam positivamente a vida da comunidade Ylê Axé de Yansã (SILVA; SANTOS, 2013).

A Natureza como um espaço sagrado de comunhão entre os planos imaterial e material, deve ser respeitada e cuidada (MARTINS, 2015). Portanto, o cultivo diversificado de plantas é um dos modos de se respeitar os ciclos ecológicos, que quando integrados promovem e fortalecem a conservação da biodiversidade. Cada espécie tem a sua própria conjuntura, pois as diferentes plantas têm suas propriedades distintas, ora vão tratar a saúde do corpo físico, ora a alma (ZANETTE; SEBASTIANI, 2020). As comunidades tradicionais de matriz africana não compreendem a natureza como um elemento passivo e sim como fonte da vida e continuidade, portanto a incorporação de espécies nativas, para além da manutenção de suas próprias crenças e sobrevivência do seu viver físico e cultural, favorece a biodiversidade local, fator importante na busca pelo efetivo desenvolvimento sustentável (OLIVEIRA, 2021; ZANETTE; SEBASTIANI, 2020).

Portanto, apoiados num complexo sistema classificatório de plantas, a floresta deixa de ser desconhecida e a partir da apropriação desse conhecimento estas plantas passam a ter um valor simbólico e a integrar a vida da comunidade. Sendo assim, é correto dizer que a relação da comunidade com a natureza é o meio pelo qual ela codificará o mundo. Na cosmovisão africana sem o respeito e a preservação dos elementos naturais não é possível ter uma boa vida (OLIVEIRA, 2021).



Conclusões

Na proposição do Candomblé as folhas representam os Orixás, cada uma dessas divindades emana seu poder para toda a comunidade que busca o equilíbrio para o corpo físico e espiritual. Por esse motivo as plantas têm papel fundamental na existência da comunidade, portadoras do axé são fonte de poder e magia. A partir do sentimento de pertencimento à natureza, onde o humano e o natural são uma só entidade. A comunidade Ylê Axé Yansã conserva no terreiro espécies importantes para a manutenção de sua cultura e tradição, colaborando também para a conservação da biodiversidade, uma vez que incorporam espécies nativas aos usos.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Código de Financiamento 001, à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) Campus de Ciências Agrárias, e à Coordenação do Programa de Pós-graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural (PPGADR). As autoras também agradecem o carinho e o acolhimento e riquíssima contribuição da comunidade Ylê Axé de Yansã.

Referências bibliográficas

FIGUEIREDO, Marcos, A. B.; MATTOS, Jorge, L. S; FONSECA, Flávio, D. Agroecologia e Povos de Terreiro. In: **Agroecologia e diálogo de conhecimentos: Olhares de povos e comunidades tradicionais**, movimentos sociais e academia. Recife: UFRPE, 2017.

ALVES, Kenneri. C. H.; POVH, Juliana. A.; PORTUGUEZ, Anderson. P. Etnobotânica de plantas ritualísticas na prática de comunidades de matriz africana no município de Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil. **Ethnoscientia**, v. 4, 2019.

BARBOZA, Myrian. S. L. MUNZANZU., Carla. R.; SOUZA, Izonara. A. S.; OYÁ, Edivanei. "Sem as Plantas a Religião Não Existiria": Simbologia e Virtualidade das Plantas nas Práticas de Cura em Comunidades Tradicionais de Terreiros Amazônicos (Santarém, PA). **Nova Revista Amazônica**, v. 9, n. 3, p. 147-165, 2021.

BARROS, José. F. P. **A floresta sagrada de Ossaim: O segredo das Folhas**. Rio de Janeiro, Pallas Editora, 2015. 261p.

BERNARD, Russel, H. **Research methods in cultural anthropology**. Newbury Park, CA: Sage Publ, 1988. 520 p.



CALVO, Daniela. O terreiro como espaço de construção do sagrado e de materialização da memória ancestral. **Rever**, v. 19, n. 2, 2019.

DIEGUES, Antonio. C. **Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000.

FERNANDES, Emmanuélly. M. S.; MOTTA, Élvio, A.; SAIS, Adriana, C.; OLIVEIRA, Renata, E.; SEBASTIANI, Renata. Religious and cultural uses of plants promoting agroecological transitions in rural settlements in Brazil. **Brazilian Journal of Agroecology and Sustainability**, v. 2, n. 1, p. 1–14, 2020.

FIDALGO, Oswaldo.; BONONI, Vera. L. R. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**. São Paulo: Instituto Botânica. 1989. 62 p. (Série Documentos).

FLORA E FUNGA DO BRASIL - Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >. Acesso em: 26 de junho de 2023.

KATHAMBI, Vivian; MUTIE, Frederick. M.; RONO, Peninah. C.; WEI, Neng.; MUNYAO, Jacinta. N.; KAMAU, Peris.; GITURU, Robert. W.; HU, Guang. W. WANG, Qing. F. Traditional knowledge, use and conservation of plants by the communities of Tharaka-Nithi County, Kenya. **Plant Diversity**, v. 42, p. 479-487, 2020.

LIERE, Heidi.; JHA, Shalene.; PHILPOTT, Stacy. M. Intersection between biodiversity conservation, agroecology, and ecosystem services. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, v. 41, n. 7, p. 723-760, 2017.

MARTINS, Felipe. R. Educação ambiental e Candomblé: afro-religiosidade como consciência ambiental. **Paralellus**, v. 6, n. 12, p. 265-278, 2015.

OLIVEIRA, Eduardo. **Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Curitiba: Editora Apeku, 2021. 220p.

PIRES, M. V.; ABREU, Priscilla, P.; SOARES, Cyntia, S.; SOUZA, Brenno; MARIANO, Daniela.; SILVA, Delmira, C.; ROCHA, Emerson, A. Etnobotânica de terreiros de candomblé nos municípios de Ilhéus e Itabuna, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 7, n. 1, p. 3-8, 2009.

SILVA, José. A; SANTOS, Rosemary. C. Bem-estar subjetivo, Educação, Inteligência e Religião. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 59-523, 2013.

SILVA, Alex. S. L.; CARVALHO, Maria. L. S. JESUS, Clícia. M. Saberes tradicionais das comunidades de matriz africana e estudos etnodirigidos: potencialidades e desafios. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 93373-93383, 2021.



TOLEDO, Victor. M. Agroecology and spirituality reflections about an unrecognized. **Agroecology and Sustainable Food Systems**, 2022. DOI: 10.1080/21683565.2022.2027842.

ZANETTE, Pedro. H. O.; SEBASTIANI, Renata. Kosi Ewe Kosi Orisá: Relatos envolvendo o uso de plantas por uma comunidade de candomblé em São Luís do Paraitinga (SP, Brasil). **Biodiversidade, semillas y cultura**, p. 559-564, 2020.